



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE TEATRO  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**DANIEL PAIM DE MATTOS OLIVEIRA**

**OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN COMO INSTRUMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO  
CONTEXTO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Salvador  
2021

**DANIEL PAIM DE MATTOS OLIVEIRA**

**OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN COMO INSTRUMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO  
CONTEXTO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Teatro, Escola de Teatro da UFBA, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Professora Doutora Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Salvador  
2021

**DANIEL PAIM DE MATTOS OLIVEIRA**

**OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN COMO INSTRUMENTO DE  
DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO  
CONTEXTO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada como requisito de conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Teatro, Escola de Teatro da UFBA, da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Salvador, 06 de dezembro de 2021.

Banca examinadora

---

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira - Orientadora  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia na  
área de Teatro-Educação

---

Raimundo Matos de Leão  
Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia

---

Vanessa Vieira de Almeida de Cerqueira  
Mestra em Artes pela Universidade Federal da Bahia

À  
minha mãe querida, que é um tesouro na minha vida, que me incentivou ir à busca  
dos meus sonhos, me motivando sempre nos momentos mais difíceis.  
Eterna gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado a vida;

A Jesus Cristo todo poderoso que me ajudou em todos os momentos;

A minha mãezinha querida, Dilana Maria, que sempre batalhou para me dar o melhor e que sempre lutou por boa educação para mim;

À querida professora, orientadora, Urânia de Oliveira, que se mostrou amiga e generosa durante o processo de escrita desse trabalho. Muito obrigado por aceitar a orientação e estar comigo nesta empreitada. Gratidão!

Aos professores Raimundo Matos de Leão e Vanessa Vieira de Almeida de Cerqueira que aceitaram fazer parte da banca de apresentação pública deste trabalho, gratidão!

O jogo é democrático!  
Todos podem aprender jogando!  
O jogo estimula vitalidade, despertando a pessoa como um todo.

Viola Spolin (2008a, p. 30)

## RESUMO

O Teatro é uma poderosa ferramenta educativa, em especial porque permite que o indivíduo se coloque no lugar do outro e compreenda suas dores e motivações. O jogo é uma forma didática de interação grupal, que acelera o desenvolvimento cognitivo. Sendo certo que o indivíduo que passa pela experiência dos Jogos Teatrais de Viola Spolin amplia a sua visão sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro, além de estabelecer relações entre o real e o imaginário. Partindo destes pressupostos, esta monografia tem por objetivo compreender como a utilização de Jogos Teatrais de Viola Spolin é capaz de aperfeiçoar a qualidade do relacionamento entre crianças do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura qualitativa para avaliar e compreender de que forma esses jogos cooperam para o desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos da educação infantil. Tendo em vista o atual cenário de pandemia de coronavírus, SARS-CoV2 (COVID-19), que impossibilitou a pesquisa de campo, foi trazido experimentação metodológica feita pelo professor Ricardo Ottoni Vaz Japiassu, por meio de jogos teatrais adotados com alunos do ensino de séries equivalentes ao estudado no presente trabalho, bem como experiência prática do professor Cláudio Rejane Alves dos Anjos adaptada ao presente momento de distanciamento social em função da pandemia. Outrossim, é trazido no trabalho as impressões de alguns autores que adotaram as práticas de Spolin.

**Palavras-chaves:** Jogos Teatrais, Educação Fundamental, Anos Iniciais, Pedagogia do Teatro, Relações Interpessoais.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRICO DOS JOGOS TEATRAIS .....</b>	<b>11</b>
2.1	CONCEITUAÇÃO DE JOGOS TEATRAIS .....	15
2.2	FINALIDADE DOS JOGOS TEATRAIS .....	17
<b>3</b>	<b>OS JOGOS TEATRAIS E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>JOGOS TEATRAIS APERFEIÇOANDO AS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Teatro na escola no Ensino Fundamental trabalha, dentre outras, para que as crianças e adolescentes desenvolvam senso crítico, autonomia, respeito mútuo e aptidões cognitivas de maneira lúdica e colaborativa.

Contudo, segundo Fernanda Faria Hilmann e Robson Rosseto (2013), o acesso dos alunos à produção artística ainda é muito restrito:

No ambiente escolar, ainda é possível constatar que o acesso dos alunos à produção artística é restrito, o que dificulta e por vezes até inviabiliza a formação do senso crítico, a noção da estética e da linguagem multissensorial que é inerente às quatro áreas da cadeira Arte: artes visuais, música, dança e teatro (HILMANN e ROSSETO, 2013, p.2).

Percebe-se, portanto, que se deve dar maior importância à arte na escola, não se limitando a datas comemorativas como Dia do Índio, Natal, Páscoa, etc.

A pioneira em estudo dos Jogos Teatrais, Viola Spolin (2010a), ensina que o jogo constitui uma forma natural de grupo, propiciando a liberdade e o envolvimento necessários para tanto. O próprio ato de jogar permite ao indivíduo desenvolver habilidades e técnicas pessoais necessárias para a execução do jogo em si. Deste modo, constata-se que as habilidades são desenvolvidas no mesmo instante em que a pessoa está jogando e ao mesmo tempo em que se diverte e se desenvolve, recebendo toda a estimulação positiva que o jogo pode oferecer.

Viviane Ferreira Fernandes e Edson Fonseca (2017) afirmam que os jogos teatrais proporcionam uma dinâmica diferenciada na sala de aula fazendo a criança aprender enquanto brinca. Assim, o que seria um passatempo se torna uma ferramenta poderosa no processo da aprendizagem escolar, aumentando sua consciência e viabilizando a expansão do seu desenvolvimento intelectual.

Os autores (*ibidem*) acreditam que a implementação de jogos teatrais, além de permitir o desenvolvimento dos participantes, também promove um espaço lúdico para integrar seus problemas pessoais, bem como encontrar estratégias e soluções, integrando o grupo em questão.

Para Joyce Galon da Silva Moronari (2019), o teatro atua como um processo de transformação, que se dá pela experiência dos corpos em cena, ao passo em que este mesmo espaço também transforma as vivências. No teatro, um corpo pode brincar com o outro, jogar com o outro, criar relações, perceber o agir do outro, refletir suas ações, aprender a lidar com o imprevisto e com o novo, desenvolver

ferramentas criativas de resposta ao outro sem repetições, dentre tantas outras experiências possíveis.

Vale salientar que Viola Spolin (2010a) definiu que jogar um jogo produz transformação, relações como um todo orgânico e também que a improvisação é a abertura para entrar em contato com o ambiente e com o outro, contribuindo, por consequência, para o relacionamento interpessoal dos estudantes conforme se propõe no presente trabalho.

Nas palavras de Spolin: “Se o ambiente permitir pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar” (*ibidem*, p.3).

Ademais, segundo os autores César Coll, Álvaro Marchesi, Jesús Palacios, *in Desenvolvimento psicológico e educação - Psicologia Evolutiva I* (2007), a manutenção de vínculos de amizade é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, “o apego tem um papel muito importante ao longo do ciclo vital e, desde os três ou quatro anos até a adolescência, a rede de amizades vai adquirindo uma importância cada vez maior” (*ibidem*, p. 106).

Destarte, vê-se que os Jogos Teatrais da Viola Spolin é assunto de grande relevância para os educandos que tenham interesse em melhorar as relações interpessoais entre os estudantes no contexto escolar. Portanto, é o que motivou o presente trabalho.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem por objetivo compreender e identificar quais jogos teatrais estimulam a interação entre os estudantes da primeira fase sequente do Ensino Fundamental, chamada de anos iniciais, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade (conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB nº 9394/1996), e de acordo com o artigo 23 da Resolução nº 4/2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica).

Para tanto se fará necessário um estudo da trajetória histórica dos Jogos Teatrais, conceitos e finalidades, visando identificar quais jogos aperfeiçoam o relacionamento entre as crianças e seus pares dentro do contexto escolar supra delimitado. Para a efetivação desse estudo, será adotado o procedimento de pesquisa bibliográfica e, devido o atual cenário de pandemia de COVID-19 que inviabilizou a pesquisa de campo, traremos uma experimentação metodológica feita em sala de aula pelo professor Ricardo Ottoni Vaz Japiassu, por meio de jogos

teatrais adotados com alunos do mesmo perfil estudado no presente trabalho, bem como apresentaremos experiência do professor Cláudio Rejane Alves dos Anjos que precisou adaptar suas aulas de teatro em função da atual pandemia. Ademais, será trazido as impressões de alguns autores que adotaram as práticas de Viola Spolin.

Na forma de monografia, o tema será apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso e a metodologia terá como base os livros, *sites* da rede mundial de computadores *internet*, periódicos e as fontes secundárias disponíveis acerca do tema.

Enfim, este trabalho será dividido em partes, sendo a primeira introdução, na segunda será abordada a história dos Jogos Teatrais, conceitos e finalidades, a terceira visa compreender de que forma os jogos influenciam as relações interpessoais no contexto escolar da educação básica, anos iniciais do Ensino Fundamental. A quarta parte objetiva saber identificar quais jogos teatrais estimulam o relacionamento interpessoal entre as crianças estudantes. Na conclusão, retomase o problema da pesquisa trazendo o entendimento acerca dos Jogos Teatrais de Viola Spolin como instrumento de desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, em regra crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade.

## **2. HISTÓRICO DOS JOGOS TEATRAIS**

O sistema de Jogos Teatrais (*Theater Games*) foram criados pela atriz, educadora, autora e diretora de teatro de origem americana, Viola Spolin (1906-1994), no início do século XX, que, segundo o site oficial de *internet* (Disponível em: <https://www.violaspolin.org/bio>, Acesso em: 22 set. 2021), após o colegial Spolin se juntou a sua irmã Pauline, que estudava com Neva Leona Boyd uma das primeiras teóricas dos benefícios educacionais e sociais da brincadeira e que treinava assistentes sociais em trabalho em grupo.

Assim, em 1923, aos 17 anos, Spolin iniciou estudos na *Neva Boyd's Group Work School* (Escola de Treinamento Recreacional de Boyd) da *Hull House*, que era uma casa de abrigo e atividades sociais e culturais, inaugurada para servir imigrantes, hoje um museu de história dos Estados Unidos. Esse estudo perdurou por 3 anos e sobre o treinamento de Boyd, Spolin escreveu em agradecimento no seu primeiro livro: “Os efeitos de sua inspiração nunca me deixaram um único

instante” (SPOLIN, 2010a, p. XXV). Como aluna de Boyd, Viola Spolin iniciou seu trabalho com crianças em comunidades de bairro em Chicago.

Ainda em Chicago, em 1938, foi supervisora do *Recreational Project*, sendo neste trabalho que Spolin percebeu a necessidade de “um sistema de treinamento teatral que fosse de fácil entendimento e que pudesse superar as barreiras culturais e étnicas existentes entre os atendidos pelo projeto” (*idem*, 2008a, p. 322).

A concepção dos Jogos Teatrais de Spolin tiveram grande influência do contato com o trabalho de Boyd, mas também dos “insights” que teve das obras de Constantin Stanislavski, ao qual também rende homenagem no seu primeiro livro e, segundo nota da tradutora Ingrid Dormien Koudela, é o autor de quem Spolin retoma a trilha do “romance pedagógico” (...) o primeiro a levantar interrogações fundamentais sobre o processo de educação no teatro” (*idem*, 2010a, p. XXIV).

Aos 40 anos, em 1946, Spolin vai para Hollywood na Califórnia, cria e dirige a *Young Actors Company* (Companhia dos Jovens Atores), onde crianças a partir de seis anos de idade eram treinadas para produções de peças teatrais. Voltando a Chicago em 1955, para, juntamente com seu filho Paul Sills, realizar oficinas na primeira companhia de teatro improvisacional dos Estados Unidos, a *Second City* (SPOLIN, 2008a, p. 322).

Em 1963, com 57 anos de idade, a Autora publicou seu inovador livro intitulado *Improvisation for the Theater (Improvisação para o Teatro)* tornando-se uma referência para professores de interpretação e educadores, pela primeira vez, o ensinamento de Spolin se tornou acessível “não apenas para grupos de teatro improvisacional, mas também para o professor de sala de aula” (*ibidem*), sendo traduzido para o português por Koudela e Eduardo José de Almeida Amos, pela editora Perspectiva no ano de 1978, mesmo ano que Spolin recebe da *Eastern Michigan University* grau honorário de Doutor em Artes (*ibidem*, p. 323).

Após publicar seu primeiro livro, Spolin foi co-fundadora do *Game Theater*, em Chicago, e foi convidada a apresentar os Jogos Teatrais em um encontro do Conselho Nacional para Professores de Inglês (*National Council for English Teachers*), bem como na *Brandeis University* (*ibidem*, p. 322).

Em 1975 Viola Spolin publica *Theater Game File*, no Brasil *O fichário de Viola Spolin*, também traduzido por Koudela e Amos. Esse livro visa a prática em sala de aula, apresentando em forma de fichas “uma seleção especial de jogos teatrais sintetizados a partir de *Improvisação para o Teatro*, de jogos tradicionais infantis e

de jogos/exercícios inéditos da autora”, a partir do qual professores e alunos já podem praticar jogos teatrais com benefícios para todos (*Ibidem*, p. 7).

No fichário, a autora explica como é cada jogo, como o professor/diretor deve aplicar e o que deve esperar do aluno/ator, a obra vem com a “proposta de ensinar, passo a passo, para crianças, adolescentes e adultos, as estruturas da linguagem teatral, por meio da delicada teia da aprendizagem do artesanato e da criatividade no jogo teatral” (*Ibidem*, p. 9).

Em 1975, Viola Spolin fundou o *Spolin Theater Games Center* (Centro de Jogos Teatrais) em Los Angeles e no ano seguinte a Associação de Escolas Secundárias conferiu à Autora seu *Founders Award* (*ibidem*, p. 322/323).

Em 1985, Spolin recebeu honrarias do então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, do governador da Califórnia e do conselho da cidade de Los Angeles pelo seu trabalho (*ibidem*, p. 323), mesmo ano em que lançou *Theater games for rehearsal: a director's handbook*, no Brasil *O Jogo teatral no livro do diretor*, pelos mesmos tradutores supramencionados, o livro é uma aplicação prática do seu método que orienta diretores e suas companhias passo a passo por todas as fases do período de ensaio segundo o *website* oficial da autora (Disponível em: <https://www.violaspolin.org/publications>, Acesso em: 22 set. 2020).

A obra destaca que: “Os Jogos Teatrais são freqüentemente usados tanto no contexto da educação como no treinamento de atores” (*idem*, 2010b, p. 11). Com uma nova perspectiva, a do diretor, o livro visa grupos de teatro profissionais e amadores, reorganizando o material com esse objetivo (*ibidem*, p. 14).

No ano seguinte, o livro *Theater games for the classroom: a teacher's handbook* (*Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*), traduzido por Koudela, traz na sua introdução que a obra se destina “especificamente ao educador que trabalha com teatro e aos professores em geral que desejam introduzir atividades de teatro em sua sala de aula” (*idem*, 2008a, p. 21).

Assim, Viola Spolin, a fundadora ou como é carinhosamente chamada “avó norte-americana do teatro improvisacional”, foi a sistematizadora dos Jogos Teatrais, sendo esse sistema resultado de pesquisas realizadas durante anos, junto aos grupos de teatro improvisacional (SPOLIN, 2008a, 2010a). Valendo ressaltar que, teatro improvisacional é uma técnica muito utilizada desde o século XV, na Itália e depois na França, pela *Commedia Dell'arte*, também chamada de *Commedia*

*All'improvviso*, que é uma modalidade de teatro popular baseada na improvisação, ou seja, em que os artistas interpretam algo não pensado ou articulado anteriormente.

Comprometida desde o início com a proposta educacional, uma vez que seu trabalho foi iniciado com crianças, Spolin cria um sistema de atuação que é estrutural ao isolar em segmentos técnicas teatrais complexas (2010a).

Conforme prefácio de *O Fichário de Viola Spolin*, a publicação da sua primeira obra, *Improvisação para o Teatro*, há quase 60 anos, introduziu pela primeira vez os jogos teatrais de Spolin e sua filosofia para o teatro nos Estados Unidos. Dez anos depois, a edição feita pela Editora Pitman levou o trabalho para o Reino Unido, Quênia, África do Sul e Austrália. “É amplamente reconhecido que os jogos teatrais tiveram um grande impacto no treinamento e fazer teatral. Um entusiasta disse que *Os jogos teatrais são para o teatro o que o cálculo é para a matemática*” (*idem*, 2008b, p. 7).

Como mencionado, Koudela foi a tradutora dos livros de Spolin para a língua portuguesa, alguns deles em parceria com Amos, tornando-se assim a responsável pela difusão das ideias e práticas de Spolin no Brasil, as quais foram recebidas e aplicadas com bastante entusiasmo pelos nossos professores de artes à época. Por exemplo, Arão Paranaguá de Santana, professor e escritor, que juntamente com Koudela produziu alguns trabalhos acerca do sistema criado por Spolin, afirma que conheceu os jogos teatrais em 1979 em um momento que eram raríssimas as referências teórico-metodológicas para ensino do teatro no Brasil. Segundo Santana:

Desde então busco utilizar a proposta de Viola Spolin junto a estudantes universitários, professores, grupo de teatro amador e interessados leigos, quer como fonte de inspiração para cursos e oficinas, ou mesmo como ferramenta teórica de pesquisa acadêmica. (*ibidem*, p.16).

Também Marilda Carvalho, coordenadora de curso de Teatro no Canadá desde 1997, afirma que conheceu Koudela e os jogos teatrais em 1981, quando ainda morava no Brasil em São Paulo e estudava na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e fala do seu entusiasmo quando da descoberta dos jogos teatrais, que teria tido “o efeito de uma ‘Eureka’. A ideia fundamental de que o Teatro é um jogo, e como tal pode ser acessível a qualquer pessoa que aceite suas regras e descubra o prazer de jogar é formidável” (*ibidem*, p. 17).

A própria Koudela, além de traduzir Spolin, produziu vários trabalhos baseadas nos ensinamento da precursora dos Jogos Teatrais e afirmou que, desde então, “várias publicações e pesquisas brasileiras se ocupam com o método de jogos teatrais, oriundos principalmente da pesquisa realizada em nível de pós-graduação em Artes, na ECA/USP” (*ibidem*, p. 18).

## 2.1 CONCEITUAÇÃO DE JOGOS TEATRAIS

Os Jogos Teatrais, como o próprio nome os define, é um sistema lúdico de treinamento teatral, mas também de ensino de fácil entendimento uma vez que inicialmente criados por Viola Spolin para serem aplicados a crianças, filhos de imigrantes, tendo em vista também a diversidade de culturas e etnias entre essas.

Segundo Juan Antonio Moreno Murcia (2005, p. 9) o jogo é um fenômeno antropológico que se deve considerar no estudo do ser humano, “é uma constante em todas as civilizações, esteve sempre unido à cultura dos povos, à sua história, ao mágico, ao sagrado, ao amor, à arte, à língua, à literatura, aos costumes, à guerra”.

Para Viola Spolin (2010a, p. 4) jogo “é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessárias para a experiência”. Spolin (2008b, p. 71) afirma que jogo é também uma estrutura operacional (trampolim) para manter o jogador jogando e ensina que existem ao menos três níveis no jogo, que são: participação, solução de problemas e ação catalisadora.

Como um conjunto de regras que mantém os jogadores jogando, o jogo é “uma atividade aceita pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; divertimento; espontaneidade, entusiasmo e alegria acompanham os jogos; seguem par e passo com a experiência teatral” (SPOLIN, 2010a, p. 342) .

Em se tratando de jogo dramático a Autora define da seguinte maneira:

Atuar e/ou viver através de velhas situações de vida (ou de outra pessoa) para descobrir como se adequar a elas; jogo comum entre crianças de maternal quando procuram tornar-se aquilo que temem, ou admiram ou não entendem; o jogo dramático, quando continuado na vida adulta, resulta em devaneios, identificação com personagens de filmes, teatro e literatura; elaborar material velho em oposição a uma experiência nova; viver o personagem; pode ser usado como uma forma simplificada do psicodrama; não é útil para o palco (*ibidem*).

O termo Jogo Teatral, destaca Koudela (2005), foi originalmente cunhado por Viola Spolin em língua inglesa, *Theater Game*, que posteriormente registrou o seu método de trabalho como *Spolin Games*. Afirma a brasileira, que a autora americana

estabelece diferença entre *dramatic play* (jogo dramático) e *game* (jogo de regras) “diferenciando assim a sua proposta para um teatro improvisacional de outras abordagens, através da ênfase no jogo de regras e no aprendizado da linguagem teatral” (KOUDELA, 2005, p. 147, *apud* SPOLIN 2001; 1999).

Por conseguinte, o sistema de Jogos Teatrais se diferencia do jogo dramático na medida em que o jogo teatral pressupõe um conjunto de princípios pedagógicos que constituem um sistema educacional específico. O jogo teatral propõe a inserção da regra no conceito jogo e são frequentemente usados tanto no contexto da educação como no treinamento de atores (SPOLIN, 2008a, p. 22).

Koudela (*idem*, 2010a, p. XXI), em nota de tradução, ressalta que essa primeira obra de Spolin se constitui em um manual para o trabalho prático de teatro que surpreende por sua intencional “linguagem quase coloquial, direta, objetiva e por isso mesmo carregada de sabor e nuances idiomáticas”.

Sobre os problemas de atuação contidos nesse manual, Spolin ensina que são passos planejados de um sistema de ensino “um procedimento cumulativo que começa tão fácil e simples como dar o primeiro passo numa estrada, ou um saber que um mais um são dois” (*ibidem*, p. 17), ressaltando contudo, que nenhum sistema deve ser um sistema e que “devemos caminhar com cuidado se não quisermos derrubar nossos objetivos. Como um modo de ação “planejado” pode ser ao mesmo tempo “livre”?” (*ibidem*).

Em resposta, a Autora afirma que são exigências da própria forma de arte que devem nos apontar o caminho, moldando e regulando o nosso trabalho, e remodelando a nós mesmos para enfrentar o impacto dessa grande força:

Nossa preocupação é manter uma realidade viva e em transformação para nós mesmos, e não trabalhar compulsivamente por um resultado final (...) Se deixarmos isto acontecer, as técnicas de ensino, direção, atuação, de desenvolvimento de material para improvisação de cena, ou o modo de trabalhar uma peça formal surgirá do interior de cada um e aparecerá como que por acidente (*ibidem*, p. 17/18).

Sob a alegação de que livres de preconceitos, os quadros de referência e o certo-errado predeterminado se dissolvem, Spolin afirma (*ibidem*, p. 18/19) que olhando com um “olho interno” não haverá o perigo de que o sistema se transforme em um sistema. Assim, Spolin deixa claro que os passos planejados do sistema de jogos teatrais deverão nortear o nosso trabalho, não como uma técnica rígida comprometida com o resultado final, mas que se molda à improvisação de cena vivenciada pelos alunos, durante o próprio jogo, de maneira espontânea e intuitiva.

Spolin (2010a, p. 252) também ensina que existem jogos de muitas categorias, dentre elas, os sensoriais, dramáticos e intelectuais, afirmando que o professor-diretor deverá esforçar-se para escolher o jogo pertinente ao problema do momento e deve evitar o jogo fortuito “que não tem outro objetivo senão fazer rir às custas de alguém”.

O conceito de Jogos Teatrais e a própria nomenclatura denotam a sua finalidade, qual seja, a aplicação dos jogos na preparação de atores, mas que não se restringe a isso, pois é predominantemente uma valorosa técnica aplicada à educação de crianças e em outras áreas como se verá a seguir.

## 2.2 FINALIDADE DOS JOGOS TEATRAIS

Sendo os Jogos Teatrais um sistema de regras lúdicas usadas no contexto educacional e no treinamento de atores, o jogo demonstra a sua influência no desenvolvimento das competências pessoais e sociais de forma divertida e sinérgica.

Todavia, nem sempre foi reconhecida a relevância do jogo, pois, segundo afirma Gilles Brougère (2010, p. 96), no passado a brincadeira era geralmente considerada como fútil, ou melhor, como única utilidade de recreação e até “julgavam-na nefasta” na pior das hipóteses.

Nesse mesmo sentido, Tizuko Morchida Kishimoto (2008, p. 28) afirma que o jogo é visto como recreação desde a antiguidade, aparecendo como “relaxamento necessário a atividades que exigem esforço físico, intelectual e escolar”, sendo até mesmo considerado como algo “não sério”. Contudo, afirma que a partir do Renascimento o jogo também serviu para divulgar princípios de moral, ética e conteúdo de história, geografia, dentre outras, por entender a brincadeira como “conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo”.

Também Spolin (2010a) destaca a importância dos jogos particularmente no processo de ensino para crianças e citando Boyd afirma que:

(...) da mesma forma que num bom drama, o jogo elimina irrelevâncias e aproxima os acontecimentos numa seqüência, de forma tão concentrada e simplificada que condensa no tempo e no espaço a essência de uma completa e longa experiência vivencial. Dessa forma, através da variedade de conteúdo dos jogos, a criança obtém mais diferenciadas experiências do que seria possível no processo da vida diária. (*ibidem*, p. 252)

Como se vê, os jogos que inicialmente foram criados para o lazer, como algo até mesmo fútil, ou mero relaxamento para outras atividades, inclusive intelectual,

contudo, se percebeu que os jogos podem ser utilizados com finalidade educacional, facilitando e tornando a aprendizagem prazerosa, bastando que o indivíduo permita que o ambiente lhe ensine tudo que tem para ensinar, inclusive a relacionar-se com os seus colegas de classe e professores.

Segundo Koudela (2008), os jogos teatrais de Viola Spolin foram originalmente desenvolvidos com o fito de ensinar a linguagem artística do teatro a crianças, jovens, atores e diretores, sendo ao mesmo tempo atividades lúdicas e exercícios teatrais que formam a base para uma abordagem alternativa de ensino e aprendizagem, afirmando ainda a autora que “através do processo de jogos e da solução de problemas de atuação, as habilidades, a disciplina e as convenções do teatro são aprendidas organicamente” (*ibidem*, p. 15).

Augusto Pinto Boal (2012) aduz que a linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial, pois sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana. *Verbis*:

Os atores falam, andam, exprimem idéias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia a dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não-atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem teatral. (*ibidem*, p. 09)

Spolin (2010b) esclarece que há uma utilização múltipla para os jogos teatrais, dependendo do contexto de seu emprego e da abordagem crítica que é aplicada, sendo frequentemente usados no contexto da educação e treinamento de atores. Nas oficinas, através do envolvimento do grupo, os jogadores irão desenvolver a “liberdade pessoal dentro das regras estabelecidas, habilidades pessoais necessárias para jogar o jogo e irão internalizar essas habilidades e esta liberdade ou espontaneidade” (*ibidem*, p. 11/12) .

Com isso, percebe-se que o propósito dos jogos teatrais de Spolin é estimular o corpo e a mente de quem joga, superando desafios, libertando das regras impostas pela sociedade, rompendo limites, despertando a imaginação e se entregar ao novo. Assim sendo, pode-se dizer que o jogo tem também finalidade de socializar, pois os participantes precisam um do outro para serem completos.

Segundo Japiassu:

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da

espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSU, 2008. p.26).

Fica claro, portanto, que os jogos teatrais não foram criados com o intuito de serem encenadas para um público, mas por amadores com o objetivo de aprendizagem. Assim, a consulta à obra *Improvisação para o Teatro* de Spolin é aconselhada para aqueles que necessitam de mais embasamento teórico e/ou ampliação de repertório para o desenvolvimento dos jogadores. *O Fichário de Viola Spolin*, que é uma seleção especial de jogos teatrais sintetizados a partir do primeiro livro, visa a prática em sala de aula, a partir do qual professores e alunos já podem praticar jogos teatrais com benefícios para todos (SPOLIN, 2008b, p. 7).

Segundo Maria Abadia Cardoso, três aspectos permeiam a inserção dos jogadores no processo:

(...) a liberdade, a intuição e a transformação. Estes, por sua vez, no campo dos jogos teatrais, adquirem características particulares e que se entrecruzam. Assim, os participantes devem estar livres para experimentar o ambiente físico e social do jogo, e, concomitantemente, a intuição só pode nascer do contato direto com este mesmo ambiente, ou seja, é necessário que exista uma interação nos níveis intelectual, físico e intuitivo, apenas num terceiro momento é possível uma transformação (CARDOSO, 2007, p. 2).

Ademais, as múltiplas dimensões dos Jogos Teatrais e “extrateatrais”, ou seja, fora do ambiente teatral, do modo que é abordado por Spolin, didaticamente, fizeram com que os mesmos fossem introduzidos nos campos da psicologia, recreação, trabalho em presídios, saúde mental e “especialmente na educação, em vários níveis e áreas do currículo” (SPOLIN, 2008b, p. 7).

Como visto, o método de Spolin possui uma extensa finalidade, sendo amplamente utilizado no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes, demonstrando que no processo de aprendizagem, a apropriação de conhecimentos não se dá exclusivamente sob a orientação e interferência do professor, mas também, e principalmente, por meio das atividades lúdicas e colaborativas. Valendo ressaltar que, em paralelo à prática dos jogos improvisacionais no ensino regular, a proposta de Spolin também contribui para a formação de professores universitários.

### **3. OS JOGOS TEATRAIS E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Como sabido, a relação interpessoal pressupõe a interação entre duas ou mais pessoas inseridas em um contexto social, seja familiar, de trabalho, de comunidade, religiosa, escolar, etc.

Destarte, temos que o relacionamento interpessoal implica uma relação social, que, nas palavras do intelectual alemão Max Weber, um dos fundadores da sociologia, *verbis*:

Por “relação” social entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade (WEBER, 2009, p 16).

Como visto anteriormente, desde muito cedo até a adolescência os vínculos de amizade adquirem um papel de fundamental importância para o desenvolvimento do ser humano. Assim, percebe-se a importância da escola na socialização da criança com idade entre 6 (seis) a 10 (dez) anos, uma vez que é nesse contexto social que elas passam grande parte de seu tempo disponível.

A corroborar tal afirmativa, Coll, Marchesi e Palacios (2007) afirmam que é durante o ensino fundamental que as crianças experimentam melhoras significativas no repertório de habilidades sociais diretamente envolvidas nas interações com seus iguais. Dentre outros tipos de interações, os autores destacam a lúdica, que introduz a ideia de regras por meio dos jogos, regras que as crianças aprendem ser possível flexibilizar pelo consenso e de comum acordo com seus colegas:

Até aproximadamente os cinco anos, as crianças não têm consciência da existência de regras no jogo; envolvem-se nesses jogos pelo prazer (...) Em um primeiro momento (até aproximadamente os oito anos), as crianças que vão jogar concebem as regras como verdades absolutas, como algo fixo, permanente (...) por volta dos oito anos, as crianças já compreendem o sentido das regras ao considerá-las como prescrições que podem ser modificadas pelo consenso se todos que se vêem afetados por elas estiverem de acordo (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2007, p. 288/289)

Segundo Brougère (2010, p. 65), “a brincadeira aparece como a atividade que permite à criança a apropriação dos códigos culturais e seu papel na socialização foi, muitas vezes, descartado”. Já Murcia (2005, p. 9), afirma que o jogo serviu de vínculo entre povos, sendo um facilitador da comunicação entre os seres humanos.

Percebe-se, assim, a importância o ato de brincar na educação infantil e de que o educador estimule na criança a vontade de participar, cooperar e estabelecer vínculos de amizade e respeito proporcionados pelos jogos.

Ao justificar o porquê de se trazer os jogos teatrais para a sala de aula, Spolin (2008a, p. 29) leciona que “a oficina de teatro pode tornar-se um lugar onde

professor e alunos encontram-se como parceiros de jogo, envolvidos um com o outro, prontos a entrar em contato, comunicar, experimentar, responder e descobrir”.

De acordo com Spolin (*ibidem*, p. 30), “a maioria dos jogos é altamente social e propõe um problema que deve ser solucionado – um ponto objetivo com o qual cada indivíduo se envolve e interage na busca de atingi-lo. Muitas habilidades aprendidas por meio do jogo são sociais”.

Percebe-se, portanto, que os jogos teatrais é de grande utilidade como forma de promoção do relacionamento interpessoal entre os alunos, prevenindo ainda a evasão escolar, a prática de bullying, de discriminação e de todo tipo de atos antissociais.

Ensina Spolin que todos as partes do corpo, desde a cabeça até os dedos dos pés, funcionam como uma coisa só “para uma resposta de vida. O corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar” (SPOLIN, 2010a, p. 131).

Acerca dos jogos de Spolin, Japiassu (2008, p. 81) observa que “a busca de soluções para o problema cênico colocado para o grupo deve ser necessariamente ativa, quer dizer, corporal, física, e não apenas intelectual, verbal”.

Rosseto (2012, p. 12) destaca que ao mediar os processos que envolvem a improvisação, o professor deve incentivar no aluno “a capacidade da livre expressão do corpo, numa tentativa de expressar as interpretações pessoais, com ampla consciência do ato de improvisar consigo mesmo e com os colegas de cena”.

Sobre o processo de socialização da criança que é desenvolvido no contexto escolar por meio da aplicação de jogos teatrais, Hermínia Regina Bugeste Marinho ensina que:

Podemos dizer que a criança, quando brinca e joga, também treina para um melhor convívio social, pois aprende a cumprir regras, trabalhar em grupo, conhecer e desafiar limites, ao mesmo tempo em que melhora sua agilidade e perspicácia diante das situações que aparecem durante as brincadeiras e jogos (MARINHO, 2007, p. 85).

Também Juscelino Batista Ribeiro ressalta a importância dos jogos teatrais na promoção do trabalho em equipe e no relacionamento entre os alunos:

A contribuição mais expressiva do teatro reside na utilização de jogos teatrais que liberam a criatividade, promovem o trabalho em equipe, melhorando, assim, o relacionamento entre os alunos, despertam os sentidos, estimulam o raciocínio rápido, enfim libertam o aluno preparando o caminho para que o mesmo possa fazer um trabalho de descobertas, de

experimentação e criação, que pode melhorar, em muito o rendimento dos alunos e das aulas, independente da disciplina (RIBEIRO, 2004, p. 68)

Spolin (2010b) observa que as oficinas de jogos teatrais desenvolvem no grupo a liberdade pessoal dentro de regras preestabelecidas, bem como a cooperação e respeito mútuo por meio do conflito e do exercício da democracia:

Na relação autoritária, a regra é percebida como lei. Na instituição lúdica, a regra do jogo pressupõe o processo de interação. O sentido de cooperação leva ao declínio do misticismo da regra quando ela não aparece como lei exterior, mas como o resultado de uma decisão livre porque mutuamente consentida. Cooperação e respeito mútuo são formas de equilíbrio ideais que só se realizam através do conflito e exercício da democracia. (*ibidem*, p.11)

De acordo com os citados acima, temos que a implementação dos jogos teatrais nos anos iniciais do Ensino Fundamental instigam as relações interpessoais entre os discentes entre si e o docente, pois a interação lúdica e improvisacional, e mesmo as regras, fomentam a comunicação e cooperação necessárias para solucionar o problema cênico proposto.

#### **4. JOGOS TEATRAIS APERFEIÇOANDO AS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Como visto alhures, a leitura do primeiro livro de Spolin, *Improvisação para o Teatro*, é bastante indicada aos docentes para a obtenção de embasamento teórico e ampliação de repertório para o desenvolvimento dos alunos jogadores. *O Fichário de Viola Spolin* é muito útil na escolha dos jogos, por tratar-se de uma seleção especial de jogos teatrais sintetizados a partir do primeiro livro da autora:

(...) de jogos tradicionais infantis e de jogos/exercícios inéditos da autora, apresentados em forma de fichas, visando à prática em sala de aula. Por meio desse fichário, professores e alunos já podem praticar jogos teatrais com benefícios para todos (SPOLIN, 2008b, p. 7)

Por destinar-se especificamente ao educador que trabalha com teatro, o livro *Jogos Teatrais na Sala de Aula*, também de Spolin, é de suma importância, pois como bem destacou Koudela em nota introdutória da mencionada obra:

Em *Jogos Teatrais na Sala de Aula*, há uma grande ênfase na função educacional do jogo tradicional – um patrimônio cultural que pertence à memória coletiva. A adequação à realidade cultural brasileira foi incorporada na tradução através da substituição de jogos tradicionais americanos por jogos tradicionais brasileiros. (*idem*, 2008a, p. 24)

Sendo, ainda, de grande valia ao docente expandir o seu conhecimento por meio da leitura dos diversos autores citados neste trabalho, bem como de outros autores que atualizam o tema e enriquecem com suas experiências em sala de aula.

De acordo com Spolin (2008a, p. 30), “a oficina de jogos teatrais oferece aos alunos a oportunidade de exercer sua liberdade, respeito pelo outro e responsabilidade dentro da comunidade da sala de aula”. A Autora afirma ainda que, “o jogo estimula vitalidade, despertando a pessoa como um todo - mente e corpo, inteligência e criatividade, espontaneidade e intuição - quando todos, professor e alunos estão atentos para o momento presente” (*ibidem*).

Ademais, Spolin (2010a) leciona a existência de jogos de diversas categorias, dentre outras, os sensoriais, dramáticos e intelectuais, devendo o professor atentar para a escolha do jogo relacionado ao problema do momento, no presente trabalho a promoção do relacionamento entre os discentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Autora orienta (2010a) que é recomendável proporcionar atividades diversificadas aos alunos, como, por exemplo, ritmos e atividades folclórica, afirmando ainda que “todos são essenciais ao desenvolvimento pessoal e devem preencher um lugar definido no programa de trabalho (...) Qualquer tipo de participação grupal, incluindo-se movimento, ritmo e som é de valia” (*ibidem*, p. 252/253). Neste particular, o Brasil é campo fértil para inspirar modalidades de Jogos Teatrais, pois nosso folclore é bastante diversificado possuindo influências da cultura europeia, africana e indígena, servindo ainda como gancho para promover a representatividade racial na escola e a diversidade cultural dos alunos.

Vale destacar que a própria precursora dos jogos teatrais (2008a) ensina que a interação, a consciência emocional e várias outras habilidades são desenvolvidas mais rapidamente quando os alunos se tornam parte do todo:

Tornar-se ou ser parte de um todo produz um corpo através do qual todos (jogadores no palco, jogadores na platéia e instrutor) tornam-se diretamente envolvidos com o resultado do jogo, apoiando um ao outro em um processo de satisfação mútua (*ibidem*, p. 111).

Quando da aplicação dos jogos teatrais em sala de aula, é importante considerar que Spolin convencionou utilizar os termos “Onde, Quem, O Que” em substituição a, respectivamente, cenário, personagem e ação de cena, por entender que esses últimos limitam as discussões entre os jogadores à situação teatral: “Usar os termos Onde, Quem, O Que leva os jogadores a incluir o ambiente, o relacionamento e a atividade - a realidade cotidiana - na sua consideração sobre os problemas teatrais” (*idem*, 2008a, p. 123).

Os supracitados termos são a estrutura dramática dos jogos teatrais e faz parte das regras a serem seguidas no momento da aplicação dos jogos escolhidos, juntamente com o foco e o acordo do grupo. “Os jogos são baseados em problemas a serem solucionados. O problema é o objeto do jogo que proporciona o foco” (*ibidem*, p. 22).

Como adverte Spolin (2008a), é preciso dar atenção especial aos três pontos essenciais de todo jogo teatral, quais sejam: o foco, a instrução e a avaliação. Sabendo-se que o foco ou ponto de concentração (POC) não é o objetivo do jogo, mas é um problema que mantém o jogador jogando e que pode ser solucionado pelos alunos/jogadores. “O foco coloca o jogo em movimento. Todos se tornam parceiros ao convergir para o mesmo problema a partir de diferentes pontos de vista” (*ibidem*, p. 32).

A “instrução”, segundo Spolin (2008a), é o enunciado de palavra ou frase que mantém o jogador com o foco, que nascem espontaneamente a partir do que acontece na área do jogo e são ditas no momento em que os participantes estão em movimento, como por exemplo: Mostre! Não Conte! Arrisque-se! Tome parte na atividade! “A instrução faz com que os jogadores retornem ao foco quando dele se distanciaram” (*ibidem*, p. 33).

A “avaliação” é feita por meio de perguntas que vão ao encontro do nível de experiência das crianças, que estimulem o aprendizado, a emitir sua opinião, devendo tais perguntas serem objetivas, baseadas no foco do jogo e não no julgamento do jogador ou em críticas, a exemplo de: Plateia o que estava acima dos jogadores? Jogadores vocês concordam?

A avaliação não é julgamento. Não é crítica. A avaliação deve nascer do foco, da mesma forma com a instrução. As questões para avaliação listadas nos jogos são, muitas vezes, o restabelecimento do foco (SPOLIN, 2008a, p. 34)

Ainda sobre a avaliação, segundo Spolin (2008b), é um instrumento importante de interação entre os jogadores e que desenvolve a confiança mútua, sendo, portanto, ferramenta de grande utilidade para o objetivo almejado no presente trabalho. “Forma-se um grupo de parceiro e todos estão livres para assumir responsabilidade pela sua parte do todo, jogando” (SPOLIN, *ibidem*, p. 23).

Vale ressaltar a importância de utilizar-se jogos de aquecimento ou introdutórios, pois, Spolin (2008a) afirma que esses focam na interação do grupo.

Outra preparação importante é estabelecer a área do jogo, que é qualquer espaço livre na sala de aula, de forma que contenha naturalmente o grupo, valendo afastar as carteiras contra a parede para ampliar a área onde ocorrerão os jogos ou mesmo alguns jogos poderão ser realizados com os alunos sentados em suas carteiras.

Ainda, em tempos atípicos, como o que vivemos atualmente, da pandemia de COVID-19, se faz necessário adaptar as atividades escolares de modo a promover o distanciamento físico nas escolas, evitando reunir as turmas e adotando atividades extraclasse para garantir a aprendizagem, o que inclui as aulas de teatro com seus jogos teatrais, conforme veremos a seguir.

Japiassu (2001, p. 79), descrevendo experimentação metodológica por meio de jogos teatrais “spoliniano”, adotados com alunos do ensino da 1ª a 4ª série (que equivale hoje aos anos iniciais do Ensino Fundamental), observa que “as propostas de teatralização de jogos tradicionais infantis são aceitas com grande entusiasmo pelos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental”.

O supracitado Autor concluiu ainda que:

Com base na experimentação e na investigação das possibilidades de uso da estrutura fundamental do sistema de jogos teatrais de Viola Spolin (foco, instrução, platéia e avaliação), foi possível chegar à formulação de instruções precisas, que criavam oportunidade para o engajamento dos jogadores numa atividade teatral espontânea e improvisada, baseada no jogo tradicional infantil (*ibidem*, p. 79/80).

Na forma de aulas de teatro, as sessões com jogos teatrais desenvolvidas por Japiassu seguiram uma rotina, começando pela formação de círculo de discussão, momento em que se compartilhava assuntos de interesse comum, funcionando também como “uma espécie de preparação psicológica (concentração) para a “passagem” da realidade concreta à realidade cênica ou simbólica” (JAPIASSU, 2001, p. 70). Para garantir a palavra a cada integrante do grupo, especialmente os tímidos, alternava-se os depoimentos no sentido horário e anti-horário do círculo.

Japiassu destaca que é importante respeitar o ritmo próprio do aluno, sem forçá-lo a participar do jogo, o que deve ocorrer de maneira voluntária e espontânea:

Uma vez que o estudante decida participar, ele passa a ter uma relação de cumplicidade maior com o grupo, ratificando por livre e espontânea vontade o acordo coletivo que assegura o cumprimento das regras estabelecidas para o desenvolvimento das atividades com a linguagem teatral na sala de aula. Não se deve esquecer que o aluno também aprende observando os companheiros atuarem na área de jogo (*ibidem*, p. 87).

O Autor também alerta para eventual necessidade do professor reativar a atenção dos alunos no foco da atividade proposta:

O professor ou coordenador (teatro-educador responsável pela condução das atividades) deve, se necessário, reativar a atenção dos jogadores no foco da atividade que lhes foi proposta por meio de instruções (observações, dicas), que são "cantadas", isto é, pronunciadas em voz alta, pelo professor ou coordenador dos trabalhos, fora do espaço físico definido como área de jogo (*ibidem*, p. 81)

Tratando-se de uma classe que possua grande número de alunos, o professor salienta que o revezamento viabiliza o jogo, possibilitando que todos exercitem a prática teatral improvisacional, tanto nos papéis de jogadores como de observadores: "Quando uma equipe atua na área de jogo, os outros participantes do grupo a observam com atenção, acompanhando a solução cênica apresentada por seus componentes no desenvolvimento de suas ações" (*ibidem*, p. 81/82).

Assim, com fundamento no supramencionado experimento educacional com os jogos teatrais, especialmente no exposto nas obras de Viola Spolin e demais autores acerca do tema, verifica-se que cumpre ao educador, que deseja introduzir atividades de teatro no contexto escolar com a finalidade de promover a melhoria das relações interpessoais de seus alunos, identificar quais jogos são os mais adequados ao intento.

Tendo em mente que os jogos apresentados por Spolin, bem como aqueles adaptados à publicação brasileira, não deverão ser considerados como os únicos adequados à idade indicada pela obra, mas, conforme orienta a própria autora (2008a), podem ser adaptados à faixa etária a ser trabalhada. Em se tratando de alunos mais velhos, por exemplo, deve-se buscar a espontaneidade em lugar da intervenção (SPOLIN, 2010a).

Por outro lado, alerta Spolin (2008a), em muitos casos as crianças mais jovens tem mais dificuldade em transformarem o jogo dramático subjetivo em realidade de cena objetiva, pois ainda não estão maduras o suficiente para longos períodos de avaliação, havendo uma maior dependência do professor, dependência essa que não pode ser interrompida abruptamente.

Assim, através de oficinas, que é uma sequência de atividades com um jogo teatral ou grupo de teatro, se promove uma sessão com início, meio e fim, estabelecendo-se um tempo regular, em seu horário semanal para a aplicação de um jogo teatral selecionado a partir dos supramencionados livros de Spolin (2008a).

Ademais, como ensina Spolin (2008a), as aulas serão desenvolvidas de maneira dinâmica, com jogos de aquecimento prévio e/ou introdutórios, explicação anterior à aplicação prática dos jogos teatrais que envolverão todos os alunos.

“Todos os jogos introdutórios devem ser fáceis, simples, alegres. Lembre-se que você é um parceiro” (SPOLIN, 2008a, p. 42).

Exemplo de jogos tradicionais introdutórios/aquecimento que favorecem a interação entre os alunos, tem-se: “A CARROCINHA PEGOU” e “PASSA, PASSA TRÊS VEZES”, (SPOLIN, 2008a).

Bem como, na escolha dos jogos teatrais de modo a também promover a interação entre os estudantes, destaca-se os jogos que estimulem o trabalho em grupo, como por exemplo: “QUEIMADA” e “CABO-DE-GUERRA” (com corda e bola imaginárias) (SPOLIN, 2008a).

Supõe-se que os melhores jogos teatrais para alunos do Ensino Fundamental anos iniciais, de modo a promover as relações entre os mesmos, são aqueles de utilização através das dinâmicas aplicadas presencialmente em sala de aula, que, porém, possam ser adaptados à forma remota, na modalidade telepresencial ou assíncrona, em decorrência de eventos inesperados como a pandemia de COVID-19, dada a necessidade de melhoria das relações interpessoais e de que essa geração de alunos precisa se adequar à nova realidade de distanciamento social e à utilização de meios tecnológicos.

Lembrando que a forma telepresencial requer a interação por um aplicativo multiplataforma de mensagens, como o *WhatsApp*, e/ou por *e-mail* e pressupõe recursos tecnológicos que, no entanto, muitas vezes os alunos da rede pública não possuem por falta de equipamentos de informática, de estabilidade de sinal de *internet* ou mesmo inaptidão para a participação dessa modalidade de aula.

As aulas assíncronas, ou seja, que não ocorrem por transmissões ao vivo, e sim por gravações, também podem ser aplicadas por meio de disponibilização de atividades impressas entregues na escola, pelo educador. Essa última modalidade, temos como exemplo as atividades ministradas pelo professor Cláudio dos Anjos, preceptor no Programa de Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Teatro, ocorrido entre o período de novembro de 2020 e abril de 2021, no qual o mesmo entregava as atividades de seus alunos na Escola Municipal Professor Antônio Carlos Onofre, na Federação em Salvador/BA, atividades essas que eram retiradas pelas famílias dos educandos, no momento da entrega de cesta básica uma vez ao mês.

Nesse particular, as experiências desenvolvidas por mim como residente na residência pedagógica supervisionada, acima mencionada, no curso de Licenciatura

em Teatro da Universidade Federal da Bahia, promoveram a minha imersão na escola de educação básica e envolveu a elaboração de atividades impressas em que os estudantes puderam ter conhecimento sobre *Commedia Dell'arte*, cuja principal particularidade reside no uso de máscaras, personagens-tipo (que são conhecidos por suas características e não pelo nome, e.g., Arlequim e Colombina) e, como já visto, a apresentação é baseada na improvisação. Também sobre o Teatro de Formas Animadas com o teatro de varas, que consiste em colar uma silhueta de determinado personagem na ponta de uma vara que serve de apoio para que o ator-manipulador possa desenvolver uma narrativa com esses e mais personagens, experimentado igualmente por meio da improvisação.

## **5. CONCLUSÃO**

O presente trabalho consistiu na análise dos Jogos Teatrais de Viola Spolin, com o intuito de verificar a efetividade da sua aplicação no contexto escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais, por educadores que trabalham com teatro e por professores em geral que desejam introduzir atividades de teatro em sua sala de aula como instrumento de desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos.

Verificou-se o histórico dos Jogos Teatrais, como surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, sistematizados pela precursora do teatro improvisacional, Viola Spolin, inspirada especialmente pela educadora Neva Boyd e Stanislavski, como os Jogos Teatrais foram difundidos para outros países, inclusive o Brasil a partir do ano de 1978 pelos tradutores Ingrid Koudela e Eduardo Amos.

Ao longo do trabalho pode-se verificar a aplicação dos Jogos Teatrais, que foram originalmente desenvolvidos com a finalidade de ensinar a linguagem artística do teatro a crianças, jovens, atores e diretores, mas que diante da forma como fora abordado por Spolin, didaticamente, e das múltiplas dimensões teatrais e extrateatrais, fizeram com que fossem introduzidos especialmente na educação, em vários níveis e áreas do currículo, mas também nos campos da psicologia, recreação, trabalho em presídios e saúde mental.

Para tanto, foi estudado o conceito de Jogos Teatrais, sua finalidade, analisou-se também o papel dos jogos na socialização de crianças e a importância do ensino fundamental por ser o período em que as crianças aperfeiçoam significativamente as habilidades sociais diretamente envolvidas nas interações com

seus iguais, com destaque à interação lúdica por meio de jogos que introduzem a ideia de regra e consenso. Assim, verificou-se a possibilidade de utilizar os jogos teatrais como instrumento de desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Desse modo, procurou-se conhecer os principais procedimentos para a aplicação prática dos Jogos Teatrais na sala de aula, como estabelecer a área do jogo, adequando ao espaço disponível e à realidade vivenciada. Bem assim, procurou-se conhecer os pontos essenciais de todo jogo teatral, quais sejam, foco ou ponto de concentração, instrução e avaliação, dentre outras providências e saberes necessários à aplicação dos jogos, como por exemplo a utilização dos termos “Onde, Quem, O Que” conforme convencionado por Spolin.

Apreciou-se experimentação metodológica educacional, por meio de jogos teatrais adotados pelo professor escritor Ricardo Japiassu, com alunos da faixa educacional estudada no presente trabalho.

Com base na pesquisa realizada, verificou-se que as aulas deverão ser desenvolvidas de maneira dinâmica, com jogos de aquecimento e introdutórios, explicação prévia à aplicação prática dos jogos teatrais, que deverão envolver toda a classe e serem apropriados à idade das crianças, devendo, por exemplo, incentivar a espontaneidade nos discentes mais velhos e respeitar a dependência dos mais novos.

Observou-se que os jogos teatrais adotados no contexto escolar, com a finalidade de desenvolver as relações interpessoais dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, devem ser aqueles que favoreçam a interação das crianças, a solução de problemas em grupo e oficinas, como por exemplo, “A CARROCINHA PEGOU” e “PASSA, PASSA TRÊS VEZES”.

Verificou-se também haver uma prevalência de importância das dinâmicas aplicadas presencialmente em sala de aula, mas que poderão ser adaptadas a forma remota, na modalidade telepresencial ou assíncrona, em decorrência de ocasiões inesperadas e atípicas, como a atual necessidade de distanciamento social devido a consabida pandemia, de que essa geração de alunos precisa se adequar ao “novo normal” e à utilização de meios tecnológicos quando a condição financeira do aluno permitir.

De todo o estudado, constatou-se que o papel do professor de Artes e Teatro vai além da de mediador no processo ensino-aprendizagem, pois tem a possibilidade de, por meio dos jogos teatrais, promover práticas significativas na sala de aula que sirvam de experiências de socialização entre os estudantes, e na formação dos futuros cidadãos e cidadãs, com vistas à apreensão do seu lugar na comunidade e no mundo, dos seus direitos e deveres.

Por fim, que o presente trabalho sirva de instrumento de estudo para todos aqueles interessados por Jogos Teatrais.

## REFERÊNCIAS

- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRASIL. **LEI Nº 9.394** - DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 10/12/2021.
- BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 4** - DE 13 DE JULHO DE 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf). Acesso em 10/12/2021.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CARDOSO, M. A. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. Revista Fênix, vol. 4, ano 4, n. 2. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/733/697>>. Acesso em: 20 out 2021.
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia evolutiva 1. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERNANDES, E.; FONSECA, V. F. **TEATRO-EDUCAÇÃO**: OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN. Revista de Pós-graduação Multidisciplinar, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 221-230, oct. 2017. ISSN 2594-4797. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/589/615>. Acesso em: 20 de set. 2021.
- HILLMAN, F. F.; ROSSETO R. **OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE**. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_fap\\_arte\\_artigo\\_fernanda\\_faria\\_hilman.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fap_arte_artigo_fernanda_faria_hilman.pdf)>. Acesso em 17 de dez. de 2021.
- JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. **As relações entre o jogo infantil e a educação**: paradigmas. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2008, p. 28.
- KOUDELA, I. D.; SANTANA, A. P. de. **Abordagens metodológicas do teatro na educação**: Ciências Humanas em Revista, São Luís, V. 3, n. 2, dezembro 2005
- KOUDELA, I. D. **Texto e jogo**: uma didática brechtiana. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA S. C. **Manual de estilo acadêmico**: Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, 6. ed. revista e ampliada, Salvador: EDUFBA, 2019.
- MARINHO, H. R. B. **Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

MORONARI, J. G. S. da. **Teatro e ensino importância de atividades teatrais no contexto escolar**. Revista Inventário. ISSN: 1679-1347. N. 23, Salvador, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29502/19243>. Acesso em: 29 setembro de 2021.

MURCIA, J. A. M. (Org), **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RIBEIRO, J. B. **A Contribuição do Teatro à Educação**. In. MACHADO, Irley; TELLES, Narciso; MERISIO, Paulo; MEIRA, Renata Bitencourt (organizadores), Teatro – ensino, teoria e prática. Uberlândia – MG: EDUFU, 2004.

ROSSETO, R. **Jogos e improvisação teatral**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010a.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. Tradução Ingrid Dormien Koudela, São Paulo: Perspectiva, 2008a.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. 2. ed. Tradução Ingrid Dormien Koudela, São Paulo: Perspectiva, 2008b.

SPOLIN, V. **O Jogo teatral no livro do diretor**. 2. ed. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010b.

SPOLIN, V. **Viola Spolin oficial website**. Disponível em: <Viola Spolin oficial website>. Acesso em: 22 de set. 2021.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da Sociologia Compreensiva. v. 1. 4 ed. trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, Brasília: Editora UnB, 2009.